

# *O abecedário rupestre, proto-histórico, do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)*

Mário Varela GOMES  
INST. DE ARQUEOLOGIA E PALEOCIÊNCIAS - FCSH/UNL

## **Resumo**

O presente trabalho identifica e estuda abecedário, encontrado em santuário rupestre, situado junto à margem esquerda do rio Douro.

Aquele, até agora tido como inscrição em caracteres de «tipo ibérico» ou «celtibérico» é constituído por vinte e duas letras, finamente incisas sobre superfície horizontal de xisto, polida pela erosão fluvial, ordenadas em linha, na direcção sinistrorsa e a grande maioria das quais seguindo a sequência dos alfabetos gregos arcaicos.

A disposição, forma das letras e a ordem das mesmas permitiu a atribuição agora conferida e a sua datação nos inícios do século V a.C.

A inclusão deste alfabeto em superfície contendo gravuras de idade sidérica, junto de outras com iconografia afim e indicando lugar onde decorreram actividades socio-religiosas de que aquelas constituem os derradeiros testemunhos, não só reafirma o alto valor simbólico que as letras então detinham, como permite melhor datar as imagens a que se lhes associam.

**Palavras-chave:** Abecedário, Rupestre, Grego, Idade do Ferro.

## **Abstract**

The present work identifies and studies an alphabet found in the Vale da Casa rock art sanctuary, located on the left side of the Douro river.

Up until now, the inscription, formed by twenty-two letters, has been interpreted as «Iberian» or «Celtiberian» characters. It was finely engraved on a horizontal shale surface, and has been eroded by the river's waters. The letters are positioned in one row, from right to left and the majority follow the archaic Greek alphabet order.

The layout, the form of the letters and their order, allowed us to attribute them to the beginning of the 5<sup>th</sup> century b.C.

The inclusion of this alphabet on a surface containing rock art from the

Iron Age, along with other engraved surfaces, indicates a site where social-religious activities have developed. These last remaining traces do not only reaffirm the high symbolic value that the letters would have had, but also enable a more accurate dating of the engravings associated with them.

**Key-words:** Alphabet, Rock Art, Greek, Iron Age.

### Identificação

Nos inícios dos anos oitenta da passada centúria, A. Martinho Baptista publicou rocha decorada (nº 23) do conjunto que estudou no Vale da Casa, ou Vale de Canivães, situada na margem esquerda do rio Douro e a menos de 5 km para montante da barragem do Pocinho, contendo o que então denominou «uma inscrição, com caracteres que lembram os Ibéricos.» ou «caracteres de tipo Ibérico»<sup>1</sup>.

Alguns anos depois, o autor anteriormente citado, mencionou de novo, em trabalho de síntese, sobre a arte rupestre portuguesa, a rocha 23 e a «inscrição em caracteres de tipo ibérico», que relacionou com possível cena de caça, gravada perto, referindo, também: «No Vale da Casa há ainda raras gravações alfabetiformes, em caracteres de tipo ibérico, que vincam a cronologia avançada destas figuras.»<sup>2</sup>

Mais recentemente, o mesmo investigador voltou a publicar o decalque da rocha 23 do Vale da Casa, mas acompanhado de boa fotografia colorida daquela superfície, com preparação bicromática e obtida em 1982, onde se vê a inscrição que temos vindo a referir<sup>3</sup>.

Também A. Faustino de Carvalho menciona, no contexto das gravuras sidéricas do Baixo Côa e Alto Douro, as gravuras do Vale da Casa, referindo a sua inscrição alfabetiforme, «ainda não traduzida» conforme escreveu, dela oferecendo excelente fotografia, da autoria de A. Martinho Baptista<sup>4</sup>.

Raquel Vilaça reeditou texto publicado três anos antes onde refere a escrita alfabetiforme de «tipo ibérico» do Vale da Casa, afastando-a claramente do «tipo celtibérico», classificação que A. Martinho Baptista também usaria<sup>5</sup>.

A mesma epígrafe seria considerada, por J. L. Cardoso, como «inscrição em alfabeto celtibérico»<sup>6</sup>.

Conforme de imediato se observa, os caracteres registados na inscrição do Vale da Casa não correspondem aos da denominada escrita ibérica, usada do Sul da França ao Levante Peninsular, nem, tão pouco, aos das escritas do Sudeste, localizada na Andaluzia Oriental, ou do Sudoeste, centrada no Baixo Alentejo e Algarve, mas com rara dispersão na Estremadura Castelhana e Andaluzia Ocidental, nem com a escrita celtibérica, melhor representada no Nordeste e Vale do Ebro, nas províncias espanholas

<sup>1</sup> BAPTISTA, 1983-84, p. 80, est. IV.

<sup>2</sup> BAPTISTA, 1986, pp. 52, 53.

<sup>3</sup> BAPTISTA, 1999, pp. 180, 181.

<sup>4</sup> CARVALHO, 1998, p. 195, fig. 11.

<sup>5</sup> VILAÇA, 2008, p. 82; BAPTISTA, 2008, p. 138.

<sup>6</sup> CARDOSO, 2012, p. 115.

de Aragão e Navarra. De facto, as letras patentes no Vale da Casa, oferecem aspectos que as integram no grande grupo grafemático grego, como a sua sucessão constitui alfabeto, conforme demonstraremos.

A cronologia das gravuras referidas do Vale da Casa, dada a utilização da técnica filiforme e a presença de representações de espadas com lâminas afalcatadas, como de certas características estilísticas, foi atribuída à I Idade do Ferro do Noroeste Peninsular (séculos V-IV a.C.), cronologia possível de melhor aferir através do estudo da epígrafe que parece acompanhá-las<sup>7</sup>.

### **Suporte e técnica de gravação**

A superfície onde se encontra o abecedário em apreço, tem o número de ordem 23, no conjunto das rochas decoradas do Vale da Casa.

Trata-se da face superior de afloramento xisto-grauváquico, sub-horizontal e polido pela erosão fluvial, possuindo contorno trapezoidal, definido por profundas fracturas longitudinais, orientadas no sentido noroeste-sudeste. Mede 1,55 m de comprimento e 1,05 m de largura máxima, em uma das extremidades.

A inscrição ocupa sensivelmente o centro da rocha, nas proximidades de outras gravuras, tanto filiformes como picotadas, sendo paralela a extensa linha de fractura. Foi gravada através de incisões filiformes, executando-se quase sempre um único traço para cada segmento de letra, possivelmente com artefacto metálico, talvez uma ponta de ferro bem aguçada, notando-se a natural dificuldade em obter linhas curvas.

### **A epígrafe**

Desenvolve-se, conforme dissemos, paralelamente a grande fissura longitudinal, situada a cerca de 0,05 m do topo das letras, tendo-lhe servido, claramente, de elemento orientador. Ocupa área com 0,30 m de comprimento e 0,03 m de largura, correspondendo à altura da maior das letras, que é o *sigma*. As letras com menor altura, medem 0,01 m.

Identificaram-se 22 letras, algumas mutiladas ou alteradas pela erosão dos agentes meteóricos e as águas do Douro, ordenadas de modo sinistrorso, quase sempre separadas entre si cerca de 0,008 m, tal como alguns pequenos traços parasitas. Importa referir que a diferente visibilidade das letras de qualquer epígrafe, permitindo o seu reconhecimento claro ou duvidoso, depende da destreza do gravador, do grau de conservação daquela, mas também da habilidade e técnica de quem a reproduz, obtendo documento em que assentarão os estudos ulteriores.

Dado que o núcleo de rochas onde se integra a que possui a inscrição, se encontra actualmente sob as águas da albufeira da barragem do Pocinho, não nos foi possível conferir o decalque apresentado por A. Martinho Baptista ou realizar outro. Não obstante, a larga experiência daquele investigador, na reprodução de arte pré-histórica, serve de aval em relação à fidelidade da documentação reproduzida, embora ainda pudessemos conferir a informação por ele obtida a partir de duas fotografias suas.

A inscrição do Vale da Casa corresponde a testemunho muito particular, pois

---

<sup>7</sup> BAPTISTA, 1986, p. 53.

trata-se de alfabeto da família grafemática grega arcaica, com a seguinte sucessão: *alpha, beta, gamma, delta, eta, digamma, dizeta, theta, pi, iota, upsilon, kappa, mu, nu, omicron, epsilon, koppa, rho, sigma, tau, khi e sampi*. Importa proceder aos comentários, julgados pertinentes, para cada uma das letras, nem todas bem grafadas e completas, reconhecendo-se algumas anomalias, confusões nos traçados, lacunas e alterações na ordenação normal.

1. *Alpha*. Não oferece dificuldades no seu reconhecimento. Apresenta duas hastes simétricas e convergentes, faltando-lhe a barra oblíqua. A forma simétrica, idêntica à do alfabeto latino e conhecida na Lacónia, generalizou-se na Grécia, gradualmente, a partir do século V a.C.<sup>8</sup>
2. *Beta*. Mostra traço oblíquo longo e outro curto, na extremidade daquele, constituindo ângulo agudo. É a consoante com maior variação formal da Grécia Arcaica, conhecendo-se exemplares com a extremidade curva em Creta e na escrita do Sudoeste Peninsular. A forma presente no Vale da Casa, ao que parece incompleta, é semelhante às do *gamma* e do *lambda*.
3. *Gamma*. Oferece barra vertical, com curtos segmentos em ambas extremidades, formando ângulos abertos. É possível que se tenha querido gravar segmento de círculo. Trata-se de forma semelhante à utilizada tanto em Corinto, Rodes, Eubeia, Samos, como nas colónias gregas do Ocidente e na escrita etrusca.
4. *Delta*. Corresponde a forma invertida do D latino, pois foi gravado no sentido sinistrorso. Esta foi usada na Grécia Continental e nas colónias gregas do Ocidente, mas também no etrusco e na escrita do Sudoeste Peninsular.
5. *Eta*. Observam-se as duas hastes verticais e paralelas, não se tendo detectado, com clareza, a barra que os deveria unir a meia altura, conforme surge na Ática, Jónia e nas colónias gregas do Ocidente.
6. *Digamma*. Reconhece-se traço vertical, encurvado na extremidade superior, sugerindo forma cursiva da utilizada na Eubeia e nas suas colónias, como na Beócia e na Tessália, durante o século V a.C. Junto surge pequeno traço vertical<sup>9</sup>.
7. *Dizeta*. Trata-se de letra representada através de linha vertical, com pequenos traços horizontais nas extremidades, faltando-lhe, no presente caso, um deles. Quando de pequenas dimensões corresponde a variante tardia<sup>10</sup>.
8. *Theta*. Possui forma subcircular, contendo ponto central, surgida em meados do século VI a.C. e que, antes de meados da centúria seguinte, substituiu os círculos com barra central ou com os característicos diâmetros cruzados<sup>11</sup>.
9. *Pi* (?). Trata-se apenas de duas barras verticais, que bem podiam encontrar-se ligadas por traço horizontal, unindo os seus topos, constituindo forma tardia,

---

<sup>8</sup> JEFFERY, 1961, p. 23.

<sup>9</sup> JEFFERY, 1961, p. 25.

<sup>10</sup> JEFFERY, 1961, p. 28.

<sup>11</sup> JEFFERY, 1961, p. 29.

- usada nos alfabetos gregos ocidentais<sup>12</sup>.
10. *Iota*. Ocorre a forma mais simples, a da haste vertical. Esta foi adoptada em muitas regiões da Grécia, desde os inícios do século VII a.C.<sup>13</sup>
  11. *Upsilon*. Mostra haste longa, com a extremidade superior formando ângulo aberto. Esta forma foi usada em diferentes pontos da Grécia Continental e do Egeu (Tera, Creta)<sup>14</sup>.
  12. *Kappa*. Apresenta traço vertical e as duas barras oblíquas, unidas em linha constituindo ângulo e separadas daquele. Esta forma, algo cursiva, surge na escrita do Sudoeste Peninsular e nas escritas gregas arcaicas<sup>15</sup>.
  13. *Mu*. Forma contendo quatro segmentos formando dois ângulos agudos, com os vértices voltados para cima, documentada na Lacónia, no jónico e nas colónias gregas do Ocidente, desde os tempos mais antigos. O aspecto cursivo é próprio, no mundo grego, dos finais do século VI a.C. ou dos inícios da centúria seguinte<sup>16</sup>.
  14. *Nu*. Mostra duas barras oblíquas paralelas e uma vertical, unindo as extremidades opostas daquelas, constituindo forma sobretudo própria do século V a.C.<sup>17</sup>
  15. *Omicron*. Com forma circular e de dimensões idênticas à maioria das restantes letras deste alfabeto, indica variante antiga no contexto das escritas gregas arcaicas, pois a partir do século V a.C. surgem as formas exageradamente pequenas<sup>18</sup>.
  16. *Epsilon*. Apresenta traço vertical, a que se adossam três barras perpendiculares. Trata-se da forma mais comum nas escritas gregas arcaicas<sup>19</sup>.
  17. *Koppa*. Oferece forma recorrente, com corpo circular e haste vertical, algo ondulada, que o intercepta. Esta letra caiu em desuso a partir de meados do século VI a.C., embora se mantivesse no registo de dialectos dóricos até à centúria seguinte. A sua utilização é normalmente considerada como sinal de arcaísmo, tendo quase desaparecido no século IV a.C., dado ter alcançado, como signo numérico e nos numismas de Corinto, o século II a.C. (Argos, Corinto, Creta, Rodes)<sup>20</sup>.
  18. *Rho* (?). Reconheceu-se uma barra, algo oblíqua e a que parece associar-se linha arqueada, pertencente à letra seguinte, assim originando a forma em D,

---

<sup>12</sup> JEFFERY, 1961, p. 33.

<sup>13</sup> JEFFERY, 1961, pp. 29, 30.

<sup>14</sup> JEFFERY, 1961, p. 35.

<sup>15</sup> JEFFERY, 1961, p. 30.

<sup>16</sup> JEFFERY, 1961, p. 31.

<sup>17</sup> JEFFERY, 1961, p. 31.

<sup>18</sup> JEFFERY, 1961, p. 32.

<sup>19</sup> JEFFERY, 1961, p. 24.

<sup>20</sup> LEJEUNE, 1947, p. 27; JEFFERY, 1961, pp. 33, 34; BRIXHE, 1991, p. 336.

usada na Ática e na Jónia<sup>21</sup>.

19. *Sigma*. Possui três segmentos, conforme também acontecia em Naxos, Eubeia, Ática, Tessália ou no jónico de Kolophon e Esmirna<sup>22</sup>.
20. *Tau*. Surge na sua forma mais comum, quase universal das escritas gregas arcaicas, constando de traço vertical, longo, e barra perpendicular no topo daquele.
21. *Khi*. Apresenta a forma de duas linhas oblíquas cruzadas, como nas inscrições gregas mais antigas, pervivendo até ao século V a.C.
22. *Sampi*. Trata-se da forma em flecha, embora com a linha central mais curta que uma das laterais, presente sobretudo na escrita jónica e no frígio, que deixaria de ser usada a partir da segunda metade do século V a.C.<sup>23</sup>

### Comentário epigráfico

A grafia das letras descritas da inscrição do Vale da Casa corresponde, conforme indicámos, às formas usadas na Grécia Antiga e, designadamente, no jónico, em torno à primeira metade do século V a.C. Não se trata de alfabeto «ibérico» ou «celtibérico», cujos grafemas são não só formalmente diferentes como possuem valores vocálicos de diversa índole, pois desde logo constituem silabários e não abecedários, o que acontece no presente caso.

Registaram-se vinte e duas letras, contando os alfabetos gregos jónicos com vinte e seis, os gregos do Ocidente com vinte e quatro e o romano com apenas dezoito.

No Vale da Casa foram representadas seis vogais ou semi-vogais (*alfa*, *epsilon*, *eta*, *iota*, *omicron* e *upsilon*) não se tendo figurado apenas o *omega*, que aliás não consta na maioria dos alfabetos gregos. Das chamadas letras especiais ou duplas consoantes, tidas como procedentes dos signários cretense e cipriota, só ali surge o *khi*, embora as restantes faltem igualmente em diversos abecedários gregos.

Também a disposição sinistrorsa das letras do abecedário do Vale da Casa oferece a organização e a sequência essencial dos alfabetos gregos arcaicos. Recordemos que só em cerca de 500 a.C. é que as inscrições gregas passam a ser dextrorsas. Algumas alterações sequenciais dos grafemas são recorrentes naqueles alfabetos, que nos serviram de paralelo, não se tendo registado seis dos habituais 27, e se excluirmos o *lambda*, aqueles não são os mais usados nas escritas gregas arcaicas (*xi*, *san*, *phi*, *psi*, *omega*).

As quatro primeiras letras (*alfa*, *beta*, *gamma*, *delta*) encontram-se na sequência habitual. A quinta deveria ser um *epsilon* mas surge *eta*, com valor vocálico muito semelhante àquela e, por isso, confundível. O *epsilon* irá ocupar o 16º lugar na ordem da inscrição. As cinco primeiras letras sucedem-se *digamma*, *dizeta* e *theta*, conforme é comum. A nona letra pode ser um *pi*, claramente fora de ordem, detectando-se, em seguida, *iota*, *upsilon*, deslocado, *kappa*, desconhecendo-se o *lambda* e surgindo na sequência «clássica», *mu*, *nu* e *omicron*. Alguns alfabetos gregos entre aquelas duas letras apresentam o *xi*.

<sup>21</sup> JEFFERY, 1961, p. 34.

<sup>22</sup> JEFFERY, 1961, p. 34.

<sup>23</sup> JEFFERY, 1961, pp. 38, 39.

A seguir ao *omicron* observa-se, deslocado, o *epsilon* e depois possível *rho*, *sigma*, *tau*, *khi* e *sampi*, na sequência normal, embora com falta de algumas letras raras porque, conforme referimos, nem sempre foram usadas nos alfabetos gregos arcaicos.

Podemos concluir que apenas quatro letras se encontram verdadeiramente fora da sequência normal dos abecedários mencionados, aspecto que se pode dever, desde logo, à sua deficiente interpretação, mas também à falta de conhecimentos do gravador, males de que outros abecedários arcaicos igualmente padecem.

Note-se que se observaram não poucos erros de gravação, desde omissões a letras incompletas, formas algo diferentes das normais, a par das alterações de ordem acima assinaladas. Estes aspectos são compreensíveis em registo tão recuado, talvez da responsabilidade de quem conhecia mal o alfabeto modelo ou *princeps*, elaborado com bases teóricas. O exemplar do Vale da Casa foi, por certo, realizado de memória e, muito possivelmente, no seio de realidade linguística e cultural distinta da de onde procedia aquele conhecimento.

Recordemos que até a famosa inscrição grega conhecida como “Pedra de Rosetta”, que desempenhou papel fundamental na decifração da escrita egípcia, apresenta incorrecções diversas no texto grego, tanto ao nível da construção gramatical como algumas importantes trocas de letras, nomeadamente *lambda* por *alfa*, *xi* por *sigma* ou *beta* por *iota*<sup>24</sup>.

A análise dos grafemas presentes no abecedário do Vale da Casa permite atribuí-los a contributo jónico, da primeira metade do século V a.C., conforme indica a presença do *sampi*, a forma do *digamma*, apesar das ausências do *san* e do *omega*, entre outros aspectos que anteriormente indicámos.

### **Porquê um alfabeto rupestre grego no Noroeste?**

Pouco sabemos das línguas e dialectos pré-romanos da Península Ibérica e, até, do seu mosaico populacional. Desconhecemos se, conforme acontecia na Grécia a partir dos inícios do primeiro milénio a.C., existia uma unidade linguística, dispondo de fundo comum de noções lexicais e gramaticais, apesar das diferenças de carácter dialectal<sup>25</sup>.

Entre as línguas e escritas trazidas por colonizações ou devidas à interacção comercial e cultural contam-se o fenício, em nosso entender a escrita do Sudoeste Peninsular e o grego.

A escrita grega, sobretudo jónica, é conhecida nas zonas de Alicante e Múrcia, ou em outros pontos da Costa Levantina ibérica, onde existiram antigos *emporía* gregos e se falava grego, pelo que alguns autores defendem, até, a existência de uma escrita greco-ibérica, atribuída aos séculos V-IV a.C.<sup>26</sup>.

Da feitoria fenício-púnica de Toscanos (Málaga), procede fragmento de ânfora ática, do tipo SOS, contendo porção do bordo e, sob este, grafito correspondente a restos de possível antropónimo (...)TOR(OS), em genitivo, que utiliza alfabeto ático

<sup>24</sup> COOK, 1996, pp. 300, 301.

<sup>25</sup> PALLOTTINO, 1975, p. 53.

<sup>26</sup> HOZ, 1985-86;1991, pp. 669, 670; FLETCHER, 1992, p. 301; CÓLERA, 1998.



de características arcaicas<sup>27</sup>. Em Huelva, têm sido identificados grafitos na escrita comum às lápides de I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular, como na escrita grega, mais precisamente na jónica arcaica. Um destes textos, inciso na parede exterior de taça, regista o antropónimo, em dativo, *Nietoi*<sup>28</sup>.

A identificação do abecedário do Vale da Casa como de origem grega, permite, a partir do princípio simples de que à identidade de grafemas devem corresponder sistemas fonológicos semelhantes e línguas afins, aceitar a presença de falantes gregos que, conforme deduzimos, pela morfologia das letras e sua ordenação, teriam procedência jónica. A existência de tal testemunho pode explicar-se através de pequena colonização ou de contactos comerciais, embora a tradição historiográfica desde cedo que aceita implantação grega no Noroeste Peninsular. Esta seria detectável a partir das bases etimológicas de alguns topónimos, hidrónimos e etnónimos, como da informação literária, nomeadamente da transmitida por C. Plínio (*N.H.*, IV, 112) e Estrabão (*Geog.*, III, 4, 3), que ali registam a existência de populações de origem grega, *Helleni*, *Groui*, *Tyde*, ou de cidade com aquele primeiro nome e a mesma origem. Também M. Juniano Justino (*Ep.* 44.3), que sabemos estear-se em Pompeu Trogo, autor do tempo de Augusto, indica claramente a origem grega dos Gallaeci (*Gallaeci autem Graecam sibi originem adserunt*)<sup>29</sup>.

A escassez de testemunhos arqueológicos gregos no Noroeste Peninsular tem conduzido a interpretar as informações escritas que mencionámos como fruto de antiga mitificação, própria de território longínquo e pouco conhecido, mas rico, aspecto que toda a Península Ibérica assumiu durante a Antiguidade, sobretudo para as populações do Mediterrâneo Oriental. De facto, como bem notou A. C. Ferreira da Silva<sup>30</sup>, aquela presença não tem claramente emergido na informação empírica proporcionada pela Arqueologia, pelo que o abecedário grego do Vale da Casa, o único com tal origem encontrado na Península Ibérica, relança velha problemática.

No mesmo contexto, importa não esquecer que até povos não gregos escreveram em grego ou utilizaram o alfabeto grego, mais ou menos modificado, para grafar as suas próprias línguas. Assim se terão criado alfabetos ou semi-alfabetos, como o etrusco, e na Península Ibérica o ibérico, o turdetano ou meridional, o celtibérico, a escrita do Sudoeste, onde surgem abundantes letras gregas, concluindo F. R. Adrados que «Os Gregos, em definitivo, alfabetizaram a Hispania»<sup>31</sup>.

O alfabeto, invenção devida ao génio grego, constitui o sistema mais simples e racional de registo gráfico de fonemas, ou seja os sons que formam as palavras. Ele faz parte do principal meio de comunicação que é a escrita, pelo que pode ser considerado uma das maiores descobertas da Humanidade, pois permite o registo e a transmissão de factos, conceitos ou até de emoções e sentimentos, ou seja, a reprodução da cultura.

O alfabeto, *kadmeia grammata* (letras de Kadmos), como foi denominado por

---

<sup>27</sup> HOZ, 1970.

<sup>28</sup> JURADO e OLMOS, 1985.

<sup>29</sup> MANGAS e PLÁCIDO, 1999, pp. 863, 867; PLÁCIDO, 2007, p. 194.

<sup>30</sup> SILVA, 1986, p. 280.

<sup>31</sup> ADRADOS, 1999, p. 183.



Heródoto (V. 59) ou *phoinikeia grammata* (letras dos fenícios), conforme lhe chamavam os jónicos, é constituído por sinais gráficos, ou signos, que representam fonemas, ou seja a mais pequena unidade da fala (*elementum*), traduzindo elementos da linguagem articulada (discurso). Como processo de notação combinatório, no uso do alfabeto interessam mais as regras de utilização transmitidas pelo ensino, ou *corpus* doutrinal, que os fonemas dos grafemas, ou a mensagem visual. Assim, o «abecedário é a chave secreta da escrita, não a escrita»<sup>32</sup>, dado o seu conhecimento não implicar saber escrever, pois o que importa para isso é saber as regras da sua utilização. Tal qual acontece com o alfabeto actual, também os abecedários prístinos podiam ser supranacionais nas formas das letras, mas nacionais nas regras de uso<sup>33</sup>.

O século VIII a.C. correspondeu à grande difusão da língua grega, à formação dos alfabetos gregos e à colonização grega de diferentes regiões da Ásia Menor e do Mediterrâneo. O policentrismo, tanto do mundo grego, como do fenício, sírio-palestino e anatólico, obstaram a que não se tivesse originado um único alfabeto, mas antes alfabetos diversos, nascidos da mesma raiz mas de acordo com as características culturais de cada região, segundo processo que não foi simples nem unívoco.

Em 403 a.C. e em consequência da Guerra do Peloponeso, o alfabeto jónico de Mileto, constituído por vinte e quatro letras, foi oficialmente adoptado por Atenas, procedimento seguido pela maioria das restantes cidades-estado gregas, tornando-se no «alfabeto clássico grego». Todavia, o *digamma* e o *koppa* haveriam de ser então eliminados, embora aquele último continuasse a ser usado como numeral<sup>34</sup>.

O conceito de que as diversas línguas correspondem a entidades étnicas precisas ou a nações, sendo veículo de comunicação e meio de expressão de particularidades culturais, encontra-se hoje afastado, conforme, por exemplo, demonstra a lusofonia espalhada por quatro continentes e onde é bem independente da cultura material e espiritualidade dos seus falantes, aceitando-se que *ethnos* e comunidade linguística constituem entidades distintas. Como pensava Saussure, a língua em si mesma não comporta dimensão histórica e funciona apenas devido à sua natureza simbólica<sup>35</sup>.

O abecedário rupestre do Vale da Casa, inclui contexto do que entendemos ter constituído santuário ao ar livre, de idade sidérica conforme concluímos, onde ocorreram actividades de carácter sócio-religioso, de que aquelas e outras gravuras são os derradeiros testemunhos.

Os abecedários conhecidos na Grécia Arcaica têm como suporte principalmente recipientes ou fragmentos de cerâmica, embora se conheça pelo menos um sobre superfície rochosa, ao ar livre, situada em Barako (Vari), a cerca de 20 km para sul de Atenas. Trata-se de alfabeto com vinte e duas letras, gravado no mármore dolomítico de afloramento, constituindo duas linhas onduladas, em *boustrophedon*, e com disposição sinistrorsa<sup>36</sup>.

---

<sup>32</sup> POWELL, 1996, p. 115.

<sup>33</sup> PROSDOCIMI, 1990, p. 115.

<sup>34</sup> DIRINGER, 1948, p. 458; HEALEY, 1996, p. 233; GHINATTI, 1999, pp. 137, 138.

<sup>35</sup> BENVENISTE, 1975, p. 5.

<sup>36</sup> LANGDON, 2005.

Os contextos rupestres dos abecedários do Vale da Casa e de Barako conduzem-nos a relevar que a aprendizagem da leitura e da escrita se fez, e ainda assim hoje acontece em muitos pontos do globo, através de textos sagrados, acompanhando a alfabetização a iniciação religiosa e sendo, portanto, os centros religiosos os seus grandes difusores. Constituem provas do que referimos, as escritas teocráticas do Egito, Mesopotâmia e China ou o seu uso na Idade Média europeia, onde se circunscrevia fundamentalmente aos círculos conventuais e o seu ensinamento desempenhou papel iniciático, meio filosófico de meditação e, até, factor de sensibilização artística. Rhys Carpenter defendeu que o grande santuário de Delfos, entendido na Antiguidade como «centro do mundo», teria sido na Grécia importante centro de propagação da escrita, a partir de meados do século VIII a.C.<sup>37</sup>

Por outro lado, o «valor obscuro e mágico da escrita», conforme escreveu R. Bloch<sup>38</sup> e o seu unanimemente reconhecido enorme capital simbólico, permite considerarmos os abecedários não só como instrumentos de literacia mas, em certos contextos, designadamente no do Vale da Casa, como meios de interacção entre o mundo real e o sobrenatural, conforme acontecia com os epitáfios gregos e romanos, que devendo-se ler em voz alta, estabeleciam o diálogo entre os vivos e os mortos. «Enquanto tu lês, sou eu que falo, porque a tua voz é a minha.»<sup>39</sup>, regista epigrama da *Anthologie Latine* (721).

A decifração do próprio alfabeto permitiria a sua funcionalidade plena como mensagem, apesar das interpretações poderem desviar-se do sentido que se lhes pretendeu imprimir<sup>40</sup>. Não cremos que o abecedário do Vale da Casa tivesse função escolar ou pedagógica, não constituindo modelo ou exercício de escrita, pelo que antes deveria integrar contexto ritual, conforme as restantes gravuras que o acompanham documentam. Trata-se do chamado uso mágico da escrita, que pode ser conferido a outros alfabetos gregos, como o de Marsiliana de Albegna, sobre pequeno tabuleiro de marfim e procedente de sepultura. Também parece provir de contexto funerário de Viterbo, o pequeno vaso de *bucchero* em forma de galo, que exhibe abecedário, hoje no *Metropolitan Museum of Art* de Nova York<sup>41</sup>. Tem igualmente contexto funerário a anforeta de *bucchero*, com dois alfabetos, de Monte Acuto (Formello), tal como os dois alfabetos, sobre pedra, de Chiusi<sup>42</sup>. E procede de contexto cultural taça com alfabeto do santuário de Era, em Samos, atribuída a meados do século VII a.C.<sup>43</sup>. Em Tera, onde existiu santuário dedicado a Zeus, encontram-se diversas inscrições rupestres, dos séculos VIII-VII a.C.<sup>44</sup>

Conforme recordou C. Brixhe, seria muito grande o impacto da escrita em sociedades quase exclusivamente constituídas por analfabetos, capazes de atribuírem

---

<sup>37</sup> CARPENTER, 1938, p. 63

<sup>38</sup> BLOCH, 1963, p. 190.

<sup>39</sup> SCHEID e SVENBRO, 2003, p. 118.

<sup>40</sup> BOURDIEU, 1999, p. 12.

<sup>41</sup> PANDOLFINI e PROSDOCIMI, 1990, pp19- 23.

<sup>42</sup> PANDOLFINI e PROSDOCIMI, 1990, pp. 24-26, 55--58.

<sup>43</sup> GUARDUCCI, 2001, p. 68.

<sup>44</sup> GUARDUCCI, 2001, p. 79.

funções misteriosas às mensagens que só alguns, nomeadamente próximos das elites, compreendiam<sup>45</sup>. Este comportamento ocorreu largamente na Idade Média europeia, nomeadamente na Escandinávia e Ilhas Britânicas, onde as runas eram tidas como constituindo escrita secreta, utilizada por sacerdotes, derivando aquela palavra do gótico, onde significava o que era sagrado e transcendente.

As comunidades humanas, do Noroeste Peninsular, em torno a meados do I milénio a.C. correspondem a sociedades com ideologia heróica, lideradas por aristocracias guerreiras onde a literacia, como raridade transcendente, procedente de longe, tal qual objecto sumptuário, era capaz de conferir prestígio social a quem a detivesse. A escrita seria então elemento de exclusão e o seu domínio sinal de poder, bem distante da função pedagógica e democrática que haveria de desempenhar.

Apesar da simplicidade da aprendizagem do alfabeto e de terem decorrido quase três milénios sobre a sua invenção, ainda existem hoje, na Europa Comunitária, mais de vinte milhões de analfabetos.

### **Bibliografia**

ADRADOS, Francisco Rodríguez (1999), *Historia de la Lengua Griega*, Madrid, Editorial Gredos.

ARENA, Renato (1996), The Greek colonization of the West: Dialects, in CARRATELLI, Giovanni Pugliese (coord. de) *The Western Greeks. Classical Civilization in the Western Mediterranean*, London, Thames and Hudson, pp. 189-200.

BAPTISTA, António Martinho (1983-84), Arte rupestre no Norte de Portugal: Uma perspectiva, *Portugalia*, nova série, IV-V, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, pp. 71-82, IV ests.

BAPTISTA, António Martinho (1986), Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, in ALARCÃO, Jorge de (coord. de), *História da Arte em Portugal*, I, Lisboa, Publicações Alfa, pp. 31-55.

BAPTISTA, António Martinho (1999), *No Tempo sem Tempo. A Arte dos Caçadores Paleolíticos do Vale do Côa*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

BAPTISTA, António Martinho (2008), O Parque Arqueológico do Vale do Côa. Dos principais ciclos rupestres. Balanço Breve, *al-Madan*, II série, 16, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 126-139.

BENVENISTE, Émile (1975), *Problèmes de Linguistique Générale*, vol. I, Paris, Éditions Gallimard.

BLOCH, Raymond (1963), Etrusques et Romains. Problèmes et histoire de l'écriture, in COHEN, Marcel (coord. de), *L'Écriture et la Psychologie des Peuples*, Paris, Centre International de Synthèse/Armand Colin, pp. 186-196.

BOURDIEU, Pierre (1999), *Qué significa hablar? Economía de los Intercambios Lingüísticos*, Madrid, Akal Ediciones.

BRIXHE, Claude (1991), De la phonologie à l'écriture: Quelques aspects de l'adaptation de l'alphabet cananéen au grec, in BAURAIN, Cl., BONNET, C.,

---

<sup>45</sup> BRIXHE, 2007, pp. 34, 35.

KRINGS, V. (coord. de), *Phoinikeia Grammata. Lire et Écrire en Méditerranée*, Namur, Société des Études Classiques, pp. 313-356.

BRIXHE, Claude (2007), Les alphabets du Fayoum, *Kadmos*, 46, Berlin, Walter de Gruyter, pp. 15-38.

CARDOSO, João Luís (2012), Côa, Arte rupestre paleolítica do Vale do Côa (Vila Nova de Foz-Côa), in ALARCÃO, Jorge de; BARROCA, Mário (coord. de), *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto, Editora Figueirinhas, pp. 113-115.

CARPENTER, Rhys (1938), The Greek alphabet again, *American Journal of Archaeology*, vol. 42(1), Durham, Archaeological Institute of America, pp. 58-69.

CARVALHO, António Faustino de (1998), Do fim do Paleolítico à aquisição da escrita no Baixo Côa, in LIMA, Alexandra C. P. S. (coord. de), *Terras do Côa, de Malcata ao Reboredo*, Guarda, Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, pp. 190-195.

CÓLERA, Carlos Jordán (1998), *Introducción al Celtibérico*, Zaragoza, Universidad de Zaragoza (Monografías de Filología Griega, nº 10).

COOK, Brian Francis (1996), Greek inscriptions, in HOOKER, J. T. (coord. de), *Reading the Past. Ancient Writing from Cuneiform to the Alphabet*, London, British Museum Press, pp. 259-320.

DIRINGER, David (1948), *The Alphabet, a Key to the History of Mankind*, New York, Philosophical Library.

FALSONE, Gioacchino; CALASCIBETTA, Alba Gabriella (1991), Un abecedario greco su un ostrakon di Mozia, in BAURAIN, Cl., BONNET, C., KRINGS, V. (coord. de), *Phoinikeia Grammata. Lire et Écrire en Méditerranée*, Namur, Société des Études Classiques, pp. 691-699.

FLETCHER, Domingo (1992), Comentarios sobre escritura y lengua ibéricas, in CABANILLES, Joaquim Juan (coord. de), *Estudios de Arqueología Ibérica y Romana, Homenaje a Enrique Pla Ballester*, Valencia, Diputación Provincial de Valencia, pp. 301-311.

GHINATTI, Franco (1999), *Alfabeti Greci, Problemi e Prospettive del Mondo Antico*, Torino, G. B. Paravia.

GUARDUCCI, Margherita (2001), *L'Epigrafia Greca delle Origini al Tardo Imperio*, Roma, Libreria dello Stato.

HEALEY, John F. (1996), The early alphabet, in HOOKER, J. T. (coord. de), *Reading the Past. Ancient Writing from Cuneiform to the Alphabet*, London, British Museum Press, pp. 197-257.

HOZ, Javier de (1970), Un grafito griego de Toscanos y la exportación de aceite ateniense en el siglo VII, *Madridrer Mitteilungen*, 11, Mainz, Verlag Philipp von Zabern, pp. 102-109.

HOZ, Javier de (1985-86), La escritura greco-ibérica, *Veleia*, 2-3, Vitória, Universidad del País Vasco, pp. 285-298.

HOZ, Javier de (1991), The Phoenician origin of the early hispanic scripts, in BAURAIN, Cl., BONNET, C., KRINGS, V. (coord. de), *Phoinikeia Grammata. Lire et Écrire en Méditerranée*, Namur, Société des Études Classiques, pp. 669-682.

JEFFERY, Lilian Hamilton (1961), *The Local Scripts of Archaic Greece. A Study of the Origin of the Greek Alphabet and its Development from the Eighth to the Fifth Centuries*

B.C., Oxford, Oxford University Press.

JURADO, Jesús Fernández; OLMOS, Ricardo (1985), Una inscripción jonia arcaica en Huelva, *Lucentum*, IV, Alicante, Universidad de Alicante, pp. 107-113.

LANGDON, Merle K. (2005), A new greek abecedarium, *Kadmos*, 44, Berlin, Walter de Gruyter, pp. 175-182.

LEJEUNE, Michel (1947), *Traité de Phonétique Grecque*, Paris, Librairie C. Klincksieck.

MANGAS, Julio; PLÁCIDO, Domingo (1999), *La Península Ibérica Prerromana de Éforo a Eustacio*, Madrid, Fundacion de Estudios Romanos (Testimonia Hispaniae Antiqua IIB).

PALLOTTINO, Maximo (1975), *The Etruscans*, London, Allen Lane (Penguin Books).

PANDOLFINI, Maristella; PROSDOCIMI, Aldo L. (1990), *Alfabetari e Insegnamento della Scrittura in Etruria e Nell'Italia Antica*, Firenze, Istituto Nazionale di Studi Etruschi ed Italici.

PLÁCIDO, Domingo (2007), Mythical origins of Greek toponymy in the Northwest Iberian Peninsula, *Electronic Antiquity*, 11(1), Virginia, Virginia Polytechnic Institute and State University, pp 191-207 [<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/EIAnt/V11N1/pdf/placido.pdf>].

POWELL, Barry B. (1996), *Homer and the Origin of the Greek Alphabet*, Cambridge, Cambridge University Press.

SCHEID, John; SVENBRO, Jesper (2003), *Le Métier de Zeus. Mythe du Tissage et du Tissu dans le Monde Gréco-Romain*, Paris, Éditions Errance.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

VILAÇA, Raquel (2008), *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*, Coimbra, Terra Ocre-Edições.



Fig. 1 – Decalque da rocha 23 do Vale da Casa  
(seg. A. M. BAPTISTA, 1983-84, est. IV).



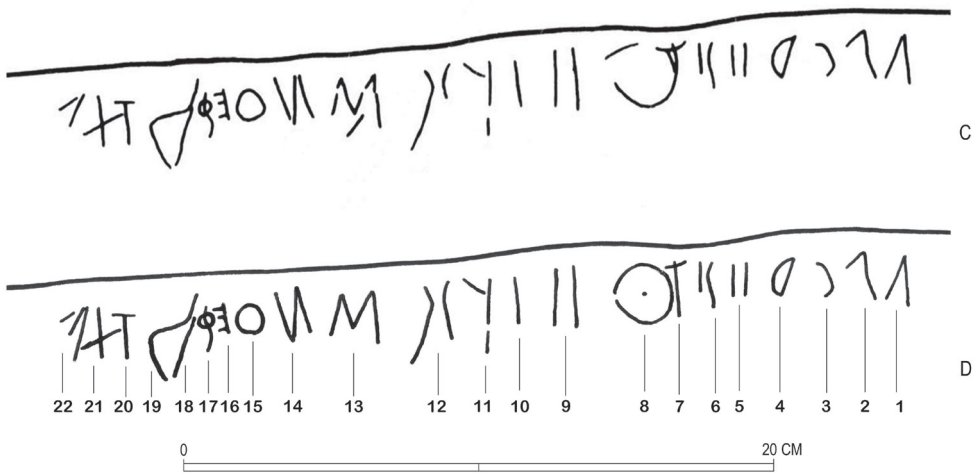
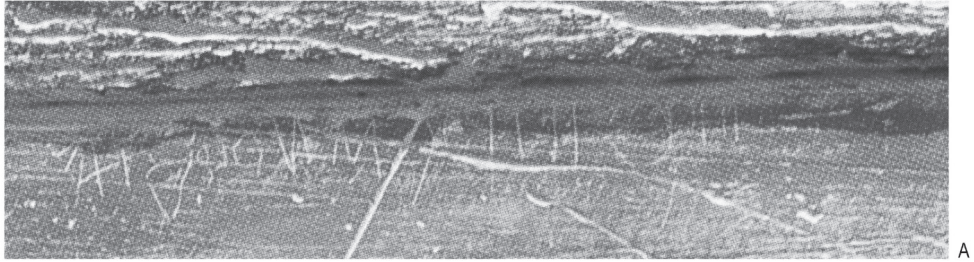


Fig. 2 – A, B, Fotos da inscrição do Vale da Casa  
(seg. A. M. BAPTISTA, 1999, p. 180 e A. F. de CARVALHO, 1998, p. 195, fig. 11).  
C, Decalque selectivo correspondendo ao abecedário do Vale da Casa  
(seg. A. M. BAPTISTA, 1983-84, est. IV).  
D, O mesmo corrigido através das fotografias e com as letras numeradas.



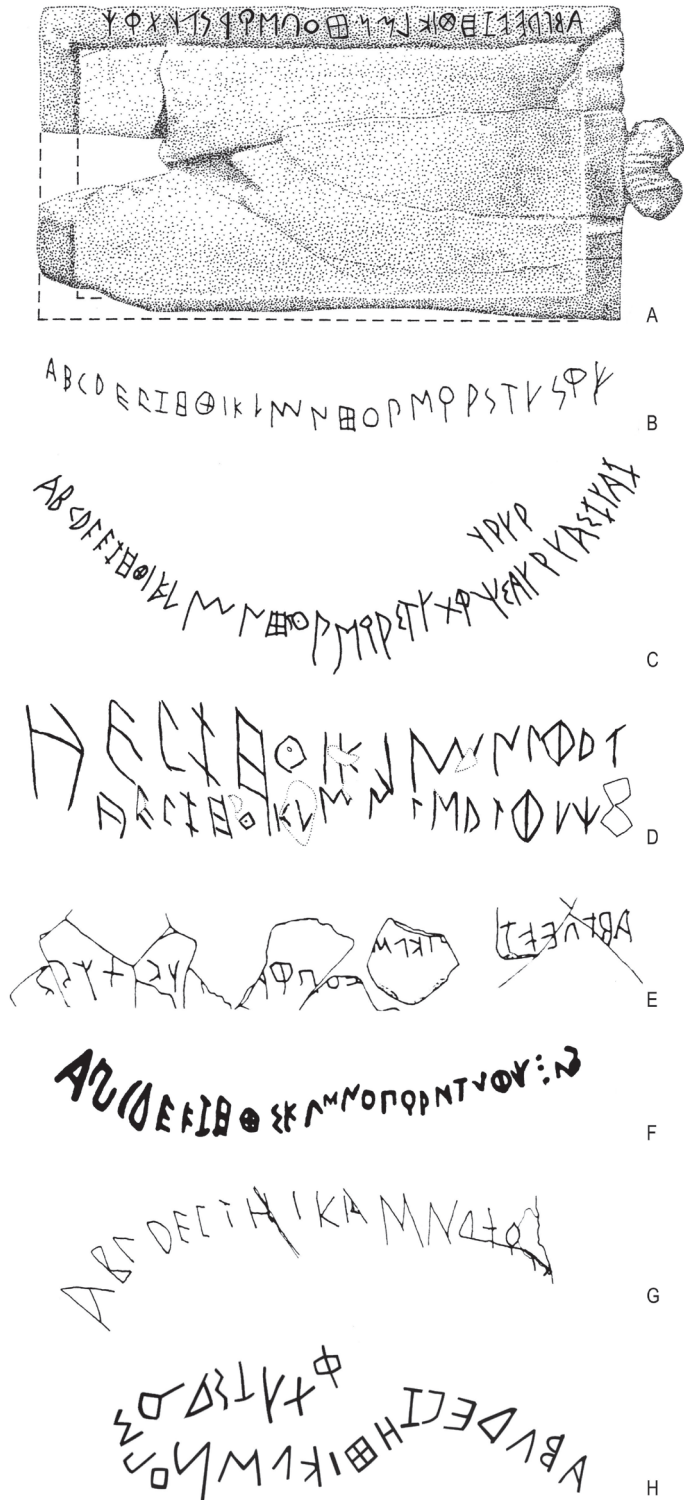


Fig. 3 – Abecedários gregos arcaicos e afins.  
 A, Marsiliana d’Albegna, etrusco com origem eubeia (670-640 a.C.);  
 B, Viterbo (630-620 a.C.);  
 C, Monte Acuto, Formello (finais do séc. VII a.C.);  
 D, Chiuzi (finais do século VI ou inícios do século V a.C.);  
 E, Samos (ca 660 a.C.);  
 F, Corinto (625-600 a.C.);  
 G, Mozia, Sicília (ca 500 a.C.);  
 H, Barako, Ática (ca 550 a.C.)  
 (A-D, seg. PANDOLFINI e PROSDOCIMI, 1990, pp. 19-25, 55-58; E, seg. GUARDUCCI, 2001, p. 68, fig. 31; G, seg. FALSONE e CALASCIBETTA, 1991, p. 695; H, seg. LANGDOM, 2005).

		Tera	Creta	Dipylon	Ática	Jónia e Anatólia	Corinto	Gregos do Ocidente	Etrúria	Etrúria (Clássico)	Roma Antiga	Vale da Casa
1	alpha	Α	A	⋈A	A	A	AA	A	A	Α	A	Α
2	beta	ΒΒ	ΡΒ	(Β)	ΒΒ	Β	ΒΒ	Β	Β	—	—	Β
3	gamma	Γ	Λ	(ΛΛ)	Λ	ΓΓ	<C	CΛΓ	Γ	))	C	)
4	delta	Δ	Δ	Δ	Δ	Δ	Δ	ΔD	Δ	—	D	Δ
5	epsilon	ΕΕ	ΕΕ	Ε	ΕΕ	ΕΕ	ΒΕΕ	ΕΕ	Ε	ΕΕ	Ε	Ε*
6	digamma	—	ΡΡ	—	—	—	ΡΡΡ	CF	λ	λ	—	λ
7	dizeta	—	I	I	I	I	I	I	I	≠	—	I
8	eta	Η	Η	Η	ΗΗ	ΗΗ	Η	ΗΗ	Η	Η	Η	Η*
9	theta	ΘΘ	ΘΘ	Θ	ΘΘ	ΘΘ	Θ	ΘΘ	Θ	Θ	—	Θ
10	iota	ΙΙ	Ι	Ι(Ι)	Ι	Ι	ΞΞΙ	Ι	Ι	Ι	Ι	Ι
11	kappa	Κ	Κ	Κ	Κ	Κ	Κ	Κ	κ	κ	Κ	κ
12	lambda	Λ	Λ	Λ(Λ)	Λ	ΛΛ	Λ	ΛΛ	λ	λ	λ	—
13	mu	Μ	Μ	Μ	ΜΜ	Μ	ΜΜ	ΜΜ	μ	μ	Μ	Μ
14	nu	ΝΝ	Ν	Ν	ΝΝ	ΝΝ	ΝΝ	Ν	ν	ν	Ν	ν
15	xi	Ξ	—	—	—	Ξ	Ξ	—	Ξ	Ξ	—	—
16	omicron	Ο	Ο	Ο	Ο	Ο	Ο	Ο	Ο	—	Ο	Ο
17	pi	ΠΠ	ΠC	ΠΠ(Π)	ΠΠ	Π	Π	Π	π	π	Π	Π*
18	san	Μ	Μ	—	—	—	ΜΜ	—	Μ	Μ	—	—
19	koppa	Ϝ	Ϝ	—	Ϝ	Ϝ	Ϝ	Ϝ	Ϝ	Ϝ	Ϝ	Ϝ
20	rho	Ρ	ΡΡ	Ρ(Ρ)	ΡΡΡ	ΡΡ	ΡΡ	ΡΡ	ρ	ρ	Ρ	ρ
21	sigma	—	—	Σ(Σ)	Σ	ΣΣ	—	ΣΣ	σ	σ	ΣΣ	σ
22	tau	Τ	Τ	Τ	Τ	Τ	Τ	τ	τ	τ	Τ	τ
23	upsilon	ΥΥ	ΥΥ	Υ(Υ)	ΥΥ	ΥΥ	ΥΥΥ	ΥΥ	υ	υ	Υ	υ*
24	phi	—	—	Φ	ΦΦ	Φ	ΦΦ	ΦΦ	φ	φ	—	—
25	khi	—	—	Χ	Χ+	Χ	Χ+	Χ+	χ	χ	+	+
26	psi	—	—	—	—	ΨΥ	Ψ	ΨΥ	ψ	ψ	—	—
27	omega	—	—	—	—	Ω	—	—	—	—	—	—
28	sampi	—	—	—	—	↑	—	—	—	—	—	↑

Fig. 4 – Principais alfabetos gregos arcaicos, etrusco, romano antigo e do Vale da Casa. Neste as letras fora da sequência foram assinaladas com \* (seg. R. ARENA, 1996, p. 190, completado).

